

António Ramos Rosa



Poeta e crítico português, **António Vítor Ramos Rosa** nasceu a 17 de outubro de 1924, em Faro. Foi militante do Movimento de União Democrática (MUD) e conheceu a prisão política. Trabalhou como empregado de escritório, tradutor e professor.

Desenvolvendo uma importante atividade nos domínios da teorização e da criação poética, o nome de António Ramos Rosa surge ligado a publicações literárias dos anos 50, como *Árvore*, *Cassiopeia* ou *Cadernos do Meio-Dia*, que primaram não só por uma postura de isenção relativamente aos diversos feixes estéticos que atravessam a década de 50 (legado surrealista; evolução da poesia neorealista, entre outros), como por um critério de respeito pela qualidade estética dos trabalhos literários publicados. São esses aliás os princípios de *Árvore*, revista que co-fundou, em 1951, com os poetas António Luís Moita, José Terra, Luís Amaro e Raul de Carvalho, e em cujo número inaugural subscreve, em "A Necessidade da Poesia", como imperativos da publicação a liberdade e a isenção ("Não pode haver razões de ordem social que limitem a altitude ou a profundidade dum universo poético, que se oponham à liberdade de pesquisa e apropriação dum conteúdo cuja complexidade exige novas formas, o ir-até-ao-fim das possibilidades criadoras e expressivas."), postergando apenas da aventura poética a "gratuidade como intenção", posto que a poesia decorre de uma "superior necessidade [...] tanto no plano da criação como no da demanda social" (*ibi.*, p. 4). Recordando a importância, na sua experiência pessoal, do encontro com os vários poetas reunidos no projeto *Árvore*, António Ramos Rosa revela que, sem esse estímulo, "nunca teria adquirido a confiança necessária para iniciar e prosseguir a [sua] carreira poética", salientando nessa convergência de vozes a "firme convicção de que a poesia não é o fruto de uma aventura verbal, mas uma constante inquirição do que na palavra é a dimensão do ser, ou seja, o que, transcendendo a palavra, é a palavra viva do desconhecido que a promove e que, por seu turno, é o seu incessante termo." (ROSA, António Ramos, "Um Espaço Indispensável à Poesia", in *Letras & Letras*, n.º 56, outubro de 1991).

De um modo geral e sucinto, a sua poesia é caracterizada por uma linhagem de um lirismo depurado, exigente, atento ao poder da palavra no conhecimento ou na fundação de um real dificilmente dizível ou inteligível.

O seu livro de poesia *O Grito Claro* foi publicado em 1958, sendo o primeiro de uma obra poética que ultrapassa os cinquenta títulos. É ainda autor de ensaios, entre os quais se salienta *A Poesia Moderna e a Interrogação do Real* (1979-1980).

António Ramos Rosa recebeu, entre outros, o prémio Fernando Pessoa, em 1988; o prémio PEN Clube Português e o Grande Prémio de Poesia Associação Portuguesa de Escritores/CTT - Correios de Portugal, em 2006, pela obra *Génese* (2005); e o prémio Luís Miguel Nava (2006) pelas obras de poesia publicadas no ano anterior: *Génese* e *Constelações*.